

# As espatódeas em flor

SENSEIENSE CORREIO BRAZILIENSE

11 MAR 2005



**JOSÉ SARNEY**

*Senador do Amapá  
pelo PMDB, é  
presidente do Senado*

Quinze de março de 1985 era uma sexta-feira. Hoje, esta sexta-feira cai em 11 de março. Naquele ano, nesta data, ninguém ainda sabia nem podia prever o que ia acontecer nos dias seguintes, talvez os mais tensos e mais dramáticos da História do Brasil.

A quase certeza é que no dia 11 Tancredo já estivesse sentindo dores e se desencadeado o processo que o levaria à morte. Os relatos médicos, a que só ultimamente tive acesso, são contraditórios quanto à presença dos primeiros sintomas. O doutor Warren Zapol, intensivista do Massachusetts General Hospital, que acompanhou Tancredo Neves nos últimos dias, diz ter sido o dia 10 aquele em que ele começou a sentir as primeiras dores. Já o doutor Francisco Pinheiro da Rocha diz ter sido chamado no dia 13 de março. Nesse dia, às 11h30, examinou o presidente detalhadamente e ele apresentava "abdome agudo cirúrgico". Reagia à apalpação e tinha perfeitamente definida uma "massa intra-

abdominal que sugeria tratar-se de um plas-trão (formação em forma de gravata larga) organizado naquele local."

A partir daí começa seu suplício, seu calvário. No dia 15, à 1h10 da manhã, a nove horas da posse em que devia receber todas as homenagens do povo brasileiro, prestando o seu juramento constitucional na Câmara dos Deputados, seu abdome começava a ser aberto no Hospital de Base de Brasília.

Viveria o Brasil, a partir daquele instante, um momento de tensão em que a história não sabe para onde caminha. Poderia ocorrer tudo. Os militares fiéis ao presidente Figueiredo falavam em voltar aos seus ministérios e mobilizar o dispositivo castrense. Os políticos, envolvidos em perplexidades, não tinham nenhum grupo organizado para tomar decisões. Reuniam-se na Câmara, em casa de deputados, nos gabinetes dos presidentes do Senado e da Câmara, nos restaurantes, no hospital. Os jantares organizados para serem a antecipação da festa se transformavam em desorientação e tristeza.

Em meio a tudo isso, dois homens aparecem e mostram grande capacidade de gerir crises: Ulysses e Leônidas. Ulysses, quando eu lhe disse que não desejava assumir sem Tancredo, me replica não ser hora de sentimentalismos, "temos deveres com a nação" e que

"um processo tão longo de luta pelas instituições não pode morrer nas nossas indecisões". O general Leônidas imediatamente partiu para a ação concreta: "Vamos ao Leitão não para discutir sobre posse, mas sim dizer que às 10 horas da manhã o Sarney, vice-presidente da República, ocupará a Presidência. No mais, tudo será mantido como estava programado".

Quando me comunicaram a decisão às três horas da manhã, eu era um homem batido pelo imprevisto. Ulysses foi o meu grande bastão nessa hora. Suas qualidades de homem público, de estadista e sua coragem asseguravam a ordem civil. Leônidas dava o respaldo militar.

Depois foram os longos dias de sofrimento de Tancredo. Eu, sem ter escolhido ninguém do governo, sem pertencer a um estado grande nem ter respaldo dos grupos econômicos nacionais e da inteligência brasileira, iria ser o 30º presidente do Brasil.

O que me esperava? Como seriam os dias, as noites e os anos futuros? Tudo isso dissipou-se no florescimento de uma transição tranqüila, na criação de uma poderosa sociedade democrática. Relembro Tancredo. Fui apenas um instrumento de sua inspiração e tudo deu certo, até mesmo os grandes erros.

Quinze de março de 1985. Naquela manhã encoberta de Brasília, as espatódeas vermelhas enfeitavam os gramados verdes.